Fevereiro/2015

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
SECRETARIA DA FAZENDA

Concurso Público para provimento de cargos de

Analista do Tesouro Estadual

Nome do Candidato: Caderno de Prova 'B02', Tipo 003

Nº de Inscrição: MODELO

Nº do Caderno: TIPO−003

Nº do Documento: 0000000000000000

ASSINATURA DO CANDIDATO

00001−0001−0001

PROVA OBJETIVA

CONHECIMENTOS GERAIS (P1)

INSTRUÇÕES

- Verifique se este caderno contém 80 questões, numeradas de 1 a 80.
  Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno.
  Não serão aceitas reclamações posteriores.
- Para cada questão existe apenas UMA resposta certa.
- Você deve ler cuidadosamente cada uma das questões e escolher a resposta certa.
- Essa resposta deve ser marcada na FOLHA DE RESPOSTAS que você recebeu.

VOCÊ DEVE

- Procurar, na FOLHA DE RESPOSTAS, o número da questão que você está respondendo.
- Verificar no caderno de prova qual a letra (A,B,C,D,E) da resposta que você escolheu.
- Marcar essa letra na FOLHA DE RESPOSTAS, conforme o exemplo: Ⓐ ● Ⓒ Ⓓ Ⓔ

ATENÇÃO

- Marque as respostas com caneta esferográfica de material transparente de tinta preta ou azul. Não será permitido o uso de lápis, lapiseira, marca-texto ou borracha durante a realização das provas.
- Marque apenas uma letra para cada questão, mais de uma letra assinalada implicará anulação dessa questão.
- Responda a todas as questões.
- Não será permitida qualquer espécie de consulta, nem o uso de máquina calculadora ou similar.
- A duração da prova é de 4 horas, para responder a todas as questões e preencher a Folha de Respostas.
- Ao término da prova, chame o fiscal da sala e devolva todo o material recebido.
- Proibida a divulgação ou impressão parcial ou total da presente prova. Direitos Reservados.

CONHECIMENTOS GERAIS (P1)

Língua Portuguesa

Instruções: As questões de números 1 a 8 referem-se ao texto seguinte.

Filosofia de borracharia

O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora: nenhum problema com o nosso pneu, aliás quase tão calvo quanto ele. Estava apenas um bocado murcho.

– Camminando si sgonfia* – *explicou o camarada, com um sorriso de pouquíssimos dentes e enorme simpatia.*

O italiano vem a ser um dos muitos idiomas em que a minha abrangente ignorância é especializada, mas ainda assim compreendi que o pneu do nosso carro periclitante tinha se esvaziado ao longo da estrada. Não era para menos. Tendo saído de Paris, havíamos rodado muito antes de cair naquele emaranhado de fronteiras em que você corre o risco de não saber se está na Áustria, na Suíça ou na Itália. Soubemos que estávamos no norte, no sótão da Itália, vendo um providencial borracheiro dar nova carga a um pneu sgonfiato*.*

Dali saímos – éramos dois jovens casais num distante verão europeu, embarcados numa aventura que, de camping em camping, nos levaria a Istambul – para dar carga nova a nossos estômagos, àquela altura não menos sgonfiati*. O que pode a fome, em especial na juventude: à beira de um himalaia de sofrível espaguete fumegante, julguei ver fumaças filosóficas na sentença do tosco borracheiro. E, entre garfadas, sob o olhar zombeteiro dos companheiros de viagem, me pus a teorizar.*

Sim, camminando si sgonfia*, e não apenas quando se é, nesta vida, um pneu. Também nós, de tanto rodar, vamos aos poucos desinflando. E por aí fui, inflado e inflamado num papo delirante. Fosse hoje, talvez tivesse dito, infelizmente com conhecimento de causa, que a partir de determinado ponto carecemos todos de alguma espécie de fortificante, de um novo alento para o corpo, quem sabe para a alma.*

* ***Camminando si sgonfia*** = andando se esvazia. *Sgonfiato* é vazio; *sgonfiati* é a forma plural.

(Adaptado de: WERNECK, Humberto – **Esse inferno vai acabar**. Porto Alegre, Arquipélago, 2011, p. 85-86)

1. A expressão em italiano, dirigida aos dois jovens casais pelo borracheiro,

   (A) deu oportunidade a que todos reconhecessem na frase do borracheiro a filosofia que ele havia incutido nela para orientar os jovens.

   (B) foi tomada em sentido puramente metafórico, já que parecia não se aplicar ao problema que os fez parar na borracharia.

   (C) confundiu ainda mais aqueles aventureiros, que já se sentiam um tanto perdidos no emaranhado de estradas fronteiriças.

   (D) deu aos turistas a certeza de que se encontravam na Itália, embora eles não atinassem com o sentido daquelas palavras.

   (E) acabou propiciando uma interpretação mais abrangente, que resultou numa teoria posteriormente levantada numa refeição.

2. Sem prejuízo para o sentido do contexto, pode-se substituir o elemento sublinhado no segmento

   (A) *sob o olhar zombeteiro* (4º parágrafo) por **exame indolente**.

   (B) *proferiu a sentença tranquilizadora* (1º parágrafo) por **opinião consoladora**.

   (C) *nosso carro periclitante* (3º parágrafo) por **indomável**.

   (D) *um providencial borracheiro* (3º parágrafo) por **previdente**.

   (E) *julguei ver fumaças filosóficas* (4º parágrafo) por **presunções de filosofia**.

3. Atente para as seguintes afirmações:

   I. A frase dita pelo borracheiro nada indiciou aos jovens turistas, que não sabiam em que país estavam – o que só veio a se esclarecer durante a refeição tipicamente italiana.

   II. A familiaridade que um dos jovens revelou ter com o idioma italiano permitiu-lhe deduzir da frase do borracheiro uma súmula filosófica.

   III. Como conclusão do antigo episódio narrado, o cronista lembra o quanto a vida acaba por nos tornar necessitados de novo ânimo para seguir vivendo-a.

   Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

   (A) III, apenas.

   (B) I, II e III.

   (C) I e II, apenas.

   (D) II e III, apenas.

   (E) I e III, apenas.

4. Por valorizar recursos expressivos da linguagem, o autor da crônica,

   (A) em *inflado e inflamado* (5º parágrafo), vale-se de sinônimos para reforçar o estado de espírito reflexivo da personagem.

   (B) na expressão *quase tão calvo quanto ele* (1º parágrafo), qualifica o borracheiro com um termo familiarmente aplicado a um pneu já muito gasto.

   (C) no segmento *minha abrangente ignorância é especializada* (3º parágrafo), é irônico ao atribuir a *ignorância* qualidades aplicáveis a um alto conhecimento.

   (D) na expressão *num distante verão europeu* (4º parágrafo), utiliza um indicador de **tempo** para denotar a extensão do território percorrido.

   (E) em *à beira de um himalaia* (4º parágrafo), deixa claro que os viajantes agora se acercavam de uma alta cordilheira, semelhante à asiática.

5. Se numa transformação da frase *O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora* atribuirmos aos termos sublinhados a função de **sujeito**, as formas verbais que lhes correspondem deverão ser, na ordem dada:

(A) foi coçada – foi proferida
(B) havia coçado – tinha proferido
(C) coçara – proferira
(D) tinha coçado – teria proferido
(E) estava sendo coçada – tinha sido proferida

6. As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:

(A) Muita gente gostaria de se aventurarem pelas estradas europeias, ainda que num carrinho periclitante e sem conhecimento das línguas que se fala nos diferentes países.

(B) Entre os muitos idiomas de que o autor se confessou ignorante estava o italiano, mas acabaram por lhe parecer inteligíveis as palavras ditas pelo borracheiro.

(C) É comum que, ao longo de uma viagem, a condição adversa das estradas descuidadas venham a desgastar os pneus de um carro já periclitante.

(D) Não ocorreram aos jovens viajantes que aquele emaranhado de estradas fronteiriças poderiam ser esclarecidas com um detalhado mapa daquela região.

(E) Não é incomum que se atribuam a palavras ditas inocentemente um sentido filosófico inteiramente fora do alcance e da previsão de quem as proferiram.

7. Está inteiramente correta a **redação** deste livre comentário sobre o texto:

(A) Em meio à países em cujas fronteiras se entrelaçam é difícil buscar-se orientação precisa, sobretudo quando se desconhece a língua de uma região.

(B) O tosco borracheiro italiano seria incapaz de suspeitar que se atribuíssem aquela sua frase o alto sentido filosófico que dela se derivou.

(C) Um dos jovens viajantes se dispôs à filosofar, atribuindo-se um sentido superior à frase que o simplório borracheiro jamais poderia conter.

(D) Por vezes, é possível atribuir às palavras de uma frase simples, ou mesmo banal, um sentido outro, que elas acabam por sugerir aos imaginosos.

(E) Já envelhecido, o autor da crônica confessa-nos de que a vida, de fato, lhe incutiu na frase do borracheiro um sentido cada vez mais oportuno e atualizado.

8. Atente para a seguinte construção: O borracheiro explicou-nos que os pneus haviam esvaziado com o uso, e que era fácil resolver aquele problema.

Empregando-se o discurso direto, a frase deverá ser: *O borracheiro explicou-nos*:

(A) – *Com o uso os pneus estão esvaziando, problema este que seria fácil resolver*.

(B) – *Os pneus com o uso tinham esvaziado, mas seria fácil resolver o problema*.

(C) – *Os pneus se esvaziaram com o uso, é fácil resolver este problema*.

(D) – *Com o uso os pneus terão se esvaziado, seria fácil resolver esse problema*.

(E) – *Os pneus com o uso estavam vazios, vai ser fácil resolver seu problema*.

Atenção: As questões de números 9 a 16 referem-se ao texto abaixo.

"O povo não gosta de música clássica"

Estudante de Letras, mal chegado à faculdade, comecei a dar aulas de Português numa escola pública da periferia da cidade. Estava feliz porque gostei do trabalho de professor, nessa escola estadual frequentada sobretudo por comerciários, office boys*, aprendizes de ofício, feirantes etc. Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós.*

Um dia convidei um grupinho dos mais chegados pra ir à minha casa ouvir música. "Música clássica", adverti. Preparei um programinha meio didático, dentro da sequência histórica, com peças mais ou menos breves que iam do canto gregoriano a Villa-Lobos. Comentava as diferenças de estilo, de sentimento, de complexidade. A sessão toda durou quase duas horas, incluindo minhas tagarelices. Gostaram muito.

Dois ou três dias depois, um deles (pobre, como os outros) apareceu na aula com um embrulho na mão. "Professor, comprei hoje isso pra mim. O senhor acha que essa música é boa?" Era um LP de Tchaikovsky, talvez com sinfonias ou aberturas, não me lembro. Disse que sim, e ele saiu todo sorridente. Imaginei a cena do dia: ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um "disco de música clássica". Venderam-lhe uma gravação barata, nacional.

Ao final do ano letivo despediu-se de mim (sairia da escola, concluído o primeiro grau) e me deixou na mão um bilhetinho. Não decorei as palavras, que eram poucas, mais ou menos estas: "Professor, muito obrigado por me fazer gostar de música clássica". Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente. Não lhe disse, na hora, que a gente pode gostar naturalmente de qualquer música: é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais. E embora seja quase impossível que estas palavras cheguem ao meu antigo aluno, pergunto-lhe agora, com mais de quatro décadas de atraso: "Então, seu Carlos, gostou do Tchaikovsky?"

(Teotônio Ramires, inédito)

9. No título do texto formula-se um preconceito que pode ser combatido, o que decorreria tomada a precaução expressa em:

(A) (...) *é preciso que não obstruam nosso acesso a todos os gêneros musicais*.

(B) *Desmoronei um pouco, pensando em como este país poderia ser diferente*.

(C) *Éramos quase todos da mesma idade, havia camaradagem entre nós*.

(D) *Estava feliz porque gostei do trabalho de professor*.

(E) (...) *ele entrando numa casa de disco do centro da cidade e pedindo um "disco de música clássica"*.

10. Há adequada correlação entre os tempos e modos verbais presentes na seguinte frase:

(A) Apesar de não ser provável que a pergunta chegara ao seu antigo aluno, o professor decidia formulá-la para expressar uma curiosidade ainda viva.

(B) Como bom professor, já havia se programado para que pudera bem informar aos alunos que terão ouvido músicas clássicas.

(C) O aluno Carlos se dispusera a comprar um disco de Tchaikovsky, vindo em seguida perguntar ao professor se havia feito uma boa escolha.

(D) Como ele pediu um disco de música clássica não tendo sido muito caro, vender-lhe-iam uma gravação nacional das mais baratas.

(E) Pudessem todos os jovens brasileiros ter oportunidade de ouvir música clássica, compositores como Tchaikovsky haverão de encantar a muitos.

11. Atente para as seguintes afirmações:

I. As informações do primeiro parágrafo do texto ressaltam a responsabilidade que teriam nossas escolas públicas de oferecerem em seu currículo atividades culturais até então negligenciadas.

II. A providência do jovem professor junto a um grupo de alunos seguiu um certo método, tal como o indicam expressões como *programinha meio didático* e *sequência histórica*.

III. No quarto parágrafo, o autor sugere que sua emoção de jovem professor diante do bilhetinho do aluno deveu-se à convicção de que muitos brasileiros poderiam beneficiar-se da mesma iniciativa.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) II e III.

(C) I e III.

(D) I e II.

(E) I.

12. Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido do seguinte segmento:

(A) *não obstruam nosso acesso* (4º parágrafo) = não demovam nossa interdição

(B) *dentro da sequência histórica* (2º parágrafo) = incluída a consequência dos fatos

(C) *comentava as diferenças de estilo* (2º parágrafo) = observava as dissensões elegantes

(D) *incluindo minhas tagarelices* (2º parágrafo) = contando o meu papaguear

(E) *desmoronei um pouco* (4º parágrafo) = fiquei um tanto espavorido

13. Da pressuposição de que ..... passa-se à inferência de que .....

Em relação ao texto, a frase acima expressará um pensamento coerente preenchendo-se as lacunas, na ordem dada, com os segmentos:

(A) toda música clássica é de alta qualidade – quem gosta de música popular não lhe dará atenção.

(B) os estudantes não gostam de música clássica – não há atividade escolar que os leve a apreciá-la.

(C) os adolescentes não gostam de música clássica – quando forem adultos saberão apreciá-la.

(D) a música clássica é para ouvidos refinados – todos podem gostar dela se a ouvirem com constância.

(E) a música clássica tem um mesmo sentido para todos – pouca gente aprecia-a com sinceridade.

14. Na frase *As músicas ..... eu lhes ia dando informação foram ouvidas pelos alunos com uma compenetração ..... sinceridade ninguém poderia duvidar*, preenchem adequadamente as lacunas:

(A) pelas quais – da qual

(B) sobre cujas – cuja

(C) de que – na qual

(D) com que – onde a

(E) sobre as quais – de cuja

15. Atente para as seguintes frases:

I. Com atenção, eles ouviam as músicas que eu selecionara para eles.

II. Eles gostavam especialmente dos movimentos lentos, que lhes pareciam mais poéticos.

III. Atenção especial foi dada aos compositores românticos, sobre os quais fiz comentários emocionados.

A exclusão da vírgula acarretará mudança de sentido APENAS em

(A) II e III.

(B) I.

(C) II.

(D) III.

(E) I e III.

16. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) É possível que a muitos deles ..... (**interessar**) repetir aquela experiência, que não deixara de ser uma grande revelação.

(B) Foi gratificante notar que, ao final da sessão, o gosto pelos clássicos ..... (**começar**) a se incutir em todos eles.

(C) Nenhum dos alunos que estavam ouvindo as músicas que eu selecionara se ..... (**dispor**) a interromper a sessão.

(D) A variação dos compositores apresentados ..... (**indica**r) minha preocupação didática: fazê-los ouvir um pouco de tudo.

(E) Percebi que os andamentos mais melancólicos, sobretudo os do Romantismo, ... (**deixar**) em cada um deles uma expressão nostálgica.

Atenção: As questões de números 17 a 20 referem-se ao texto seguinte.

A lanterninha

Apaguei todas as luzes, e não foi por economia; foi porque me deram uma lanterna de bolso, e tive a ideia de fazer a experiência de luz errante.

A casa, com seus corredores, portas, móveis e ângulos que recebiam iluminação plena, passou a ser um lugar estranho, variável, em que só se viam seções de paredes e objetos, nunca a totalidade. E as seções giravam, desapareciam, transformavam-se. Isso me encantou. Eu descobria outra casa dentro da casa.

A lanterna passava pelas coisas com uma fantasia criativa e destrutiva que subvertia o real. Mas que é o real, senão o acaso da iluminação? Apurei que as coisas não existem por si, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. E que a luz é Deus.

A partir daí entronizei minha lanterninha em pequeno nicho colocado na estante, e dispensei-me de ler os tratados que me perturbavam a consciência. Todas as noites retiro-a de lá e mergulho no divino. Até que um dia me canse e tenha de inventar outra divindade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos plausíveis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 25)

17. Atente para a seguinte frase do texto:

A lanterna passava pelas coisas com uma fantasia criativa e destrutiva que subvertia o real.

Uma nova, clara e correta redação revela adequada compreensão do que diz a frase acima em:

(A) Passando pelas coisas, a lanterna acesa fantasiava e destruía a subversão do real iluminado.

(B) A fantasia e a criação da lanterna, cuja luz passava pelas coisas, subvertia-se diante do real.

(C) Ao passar pelas coisas, a iluminação da lanterna fantasiosa criava o real, para em seguida destruí-lo.

(D) O real ficava subvertido pela ação da lanterna, da fantasia que criava e destruía as coisas.

(E) A realidade das coisas projetava sua fantasia criativa conforme passava por ela a luz da lanterna.

18. Atente para as seguintes frases:

I. Deram-me uma lanterna de bolso.

II. Passei a projetar a luz da lanterna nos cantos da casa.

III. Os cantos da casa não me eram mais familiares.

IV. A luz da lanterna transfigurava os cantos da casa.

As frases acima estão articuladas de modo claro, coerente e correto no seguinte período:

(A) A lanterna de bolso que me deram tinha uma luz que me pus a projetar sobre os cantos da casa, cuja familiaridade era agora como que se estivessem transfigurados.

(B) A lanterna de bolso, que me deram, passei a projetar sua luz nos cantos da casa que, antes familiares, eram assim transfigurados por aquela luz.

(C) A luz da lanterna de bolso que me deram passei a projetar nos cantos da casa, tão familiares, cujos passaram a ser então transfigurados.

(D) Me deram uma lanterna de bolso em cuja luz passei a projetar nos cantos da casa que, à essa altura, não me eram mais familiares, porquanto transfigurados.

(E) Deram-me uma lanterna de bolso, cuja luz passei a projetar nos cantos da casa, que, até então familiares, estavam agora transfigurados.

19. Nas expressões *a luz é Deus* (3º parágrafo) e *mergulho no divino* (4º parágrafo), ressalta-se um respeito religioso, o qual também está sugerido no seguinte segmento:

(A) *só se viam seções de paredes e objetos*.

(B) *entronizei minha lanterninha em pequeno nicho*.

(C) *tive a ideia de fazer a experiência de luz errante*.

(D) *passou a ser um lugar estranho, variável*.

(E) *dispensei-me de ler os tratados*.

20. Ganhei uma lanterna e passei a explorar a lanterna, projetando a luz que emanava da lanterna para transfigurar os cantos e objetos familiares da casa, dotando a lanterna desse poder divino de criar as coisas ao mesmo tempo que ilumina as coisas.

Evitam-se as viciosas repetições acima substituindo-se os segmentos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) explorá-la – dela emanava – dotando-a – as ilumina

(B) explorar-lhe – lhe emanava – dotando-a – ilumina-as

(C) explorá-la – a emanava – dotando-lhe – as ilumina

(D) a explorar – nela emanava – dotando-lhe – lhes ilumina

(E) lhe explorar – emanava dela – dotando-a – ilumina-lhes

C. Específicos	Cargo ou opção B02 - ANALISTA DO TESOURO ESTADUAL			Tipo gabarito 3			
001 - E	011 - A	021 - A	031 - E	041 - C	051 - A	061 - A	071 - C
002 - B	012 - D	022 - C	032 - B	042 - C	052 - E	062 - D	072 - A
003 - A	013 - E	023 - D	033 - C	043 - A	053 - A	063 - A	073 - D
004 - C	014 - E	024 - E	034 - B	044 - E	054 - C	064 - D	074 - C
005 - D	015 - A	025 - D	035 - B	045 - E	055 - D	065 - B	075 - E
006 - D	016 - A	026 - C	036 - D	046 - D	056 - E	066 - E	076 - E
007 - B	017 - B	027 - E	037 - D	047 - D	057 - B	067 - B	077 - D
008 - D	018 - B	028 - B	038 - E	048 - E	058 - A	068 - E	078 - B
009 - C	019 - E	029 - A	039 - D	049 - C	059 - D	069 - B	079 - A
010 - C	020 - A	030 - E	040 - A	050 - B	060 - C	070 - B	080 - E

C. Gerais	Cargo ou opção B02 - ANALISTA DO TESOURO ESTADUAL			Tipo gabarito 3			
001 - E	011 - B	021 - C	031 - C	041 - D	051 - D	061 - C	071 - E
002 - E	012 - D	022 - E	032 - A	042 - B	052 - B	062 - B	072 - D
003 - A	013 - B	023 - D	033 - A	043 - A	053 - B	063 - C	073 - E
004 - C	014 - E	024 - B	034 - D	044 - B	054 - C	064 - A	074 - A
005 - A	015 - A	025 - B	035 - A	045 - C	055 - E	065 - D	075 - D
006 - B	016 - E	026 - D	036 - C	046 - E	056 - D	066 - E	076 - A
007 - D	017 - D	027 - A	037 - A	047 - C	057 - E	067 - D	077 - B
008 - C	018 - E	028 - C	038 - E	048 - A	058 - A	068 - E	078 - C
009 - A	019 - B	029 - E	039 - B	049 - B	059 - A	069 - C	079 - C
010 - C	020 - A	030 - B	040 - E	050 - E	060 - C	070 - A	080 - B